

O PROCESSO DE INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Yasmin Rocha dos Santos
yasmiin.rocha94@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7770507254912642>

Israel Rocha Dias
Isrocha30@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6560878864016241>

Thiago de Aquino Mozer
Td.mozer@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/1835778943520989>

RESUMO

Este artigo intitulado “o processo de inclusão de uma criança com autismo na educação infantil” tem como objetivo geral entender, através da fala de uma profissional da educação, como acontece a prática pedagógica de uma criança com autismo na educação infantil e, especificamente, elencou-se: a) compreender que ações pedagógicas são pensadas para a inclusão de uma criança com autismo na educação infantil e b) entender e conhecer as concepções de inclusão de uma profissional da educação de uma criança com autismo na educação infantil. Como metodologia de pesquisa, escolhemos trabalhar com a pesquisa exploratório-descritiva, de cunho qualitativo. Teoricamente, elegemos a perspectiva sócio-histórica de Vigotski, por entender que o autor entende que o sujeito, independente de ter uma ou não uma deficiência, é capaz de aprender e se desenvolver. Concluímos que, ainda, nos dias atuais, mesmo com tanta informação sobre como acontece a inclusão do público-alvo da educação especial no âmbito escolar, gera-se dúvidas quanto aos direitos que esse público tem. Além disso, ressaltamos a importância da formação continuada dos profissionais da educação para que possam garantir a plena inclusão desses sujeitos em processo de inclusão e escolarização.

Palavras-chave: Inclusão; Educação Infantil; Autismo

INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso-TCC intitulado “Inclusão de uma criança com autismo na educação infantil”, que teve como objetivo geral: analisar o processo de inclusão de uma criança com autismo na educação infantil,

quando foi realizada uma entrevista com a professora regente da criança com autismo, foco do estudo. Vale ressaltar que somente a professora entrevistada aceitou participar do TCC, mas esse fato não prejudicou a construção do TCC.

Para entender como se dava a inclusão do sujeito foco da pesquisa, aplicamos um questionário com 20 perguntas para a professora entrevistada, mas trouxemos apenas 3 para este diálogo, por considerar as mais pertinentes para o propósito deste artigo. São elas: 1) Qual seu entendimento acerca da educação de modo geral? 2) Como planeja a ação pedagógica com foco na inclusão da criança com autismo? 3) Que concepções possui sobre a inclusão escolar?

Para tanto, este artigo tem como objetivo geral: entender, através da fala de uma profissional da educação, como acontece a prática pedagógica de uma criança com autismo na educação infantil. Como objetivos específicos, elencamos: a) compreender que ações pedagógicas são pensadas para a inclusão de uma criança com autismo na educação infantil e b) entender e conhecer as concepções de inclusão de uma profissional da educação de uma criança com autismo na educação infantil.

Para alcançarmos os objetivos propostos para este trabalho, optamos por trabalhar com a metodologia exploratório-descritiva, de cunho qualitativo, pois, de acordo com Gil (2012), esse tipo de pesquisa envolve: entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão; levantamento bibliográfico; maior familiaridade com a questão do problema; descrever um determinado fenômeno.

Além disso, utilizamos para coleta de dados, a entrevista semiestruturada e observações sistemáticas, para tanto, Gil (2012, p. 28) acresce que “as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”.

Diante disso, este artigo sustenta-se em uma perspectiva sócio-histórica de Vigotski e seus interlocutores, por entender que todas as pessoas, independente de suas características físicas, mentais e sensoriais são capazes de aprender e se desenvolver,

mas para isso, é importante que todas as pessoas envolvidas em seu processo de escolarização estejam alinhadas para que a inclusão seja efetivada.

Paralelamente, problematizamos este trabalho com o seguinte questionamento: qual a importância de se pensar as ações pedagógicas para uma criança com autismo na educação infantil para garantir sua plena inclusão?

Dessa maneira, justificamos nosso trabalho por ter a certeza que, diante da revisão de literatura realizada, da fala da professora, do diálogo com a teoria escolhida para este trabalho, é de suma importância evidenciar este tema para que assim, as crianças com autismo na educação tenham seu direito garantido enquanto sujeitos sócio-históricos, produtor e reproduzidor de conhecimentos, cultura, dentre outros aspectos.

CONCEITUANDO O AUTISMO

O autismo foi descrito, pela primeira vez, pelo psiquiatra Leo Kanner (1943). De prevalência na infância e no sexo masculino, é caracterizado por marcante prejuízo na interação social com diferentes graus de intensidade, desde a capacidade de comunicação, limitações e estereotipagem de comportamento com interesses restritos, com conseqüente isolamento e falta de afetividade mútua. O diagnóstico é baseado nas características de cada indivíduo quando observadas nos primeiros anos de vida.

Outrossim, Kanner (2002) observou, em suas pesquisas, o comportamento de 11 crianças que acompanhava em seu consultório e constatou que, nessas crianças, a inabilidade no relacionamento interpessoal era o que se diferenciava em relação a outras síndromes psiquiátricas, como a esquizofrenia, por exemplo.

Na década de 1960, o autismo foi classificado na categoria das psicoses infantis (esquizofrenia) sendo reclassificado na década de 1980 pela Associação Americana de Psiquiatria, fazendo parte de um grupo sob o título de transtornos globais do desenvolvimento. Na década de 1990 foi incluído o termo “qualitativo” para descrever as deficiências.

A partir de 2000, considerando as variantes clínicas que podem ser apresentadas pelos sujeitos com autismo em relação aos níveis de inteligência e linguagem, optou-se por adotar o uso do termo **transtornos do espectro autista**, sendo reconhecidos cinco subtipos de comportamentos: transtorno autista (autismo clássico), transtorno desintegrativo da infância (síndrome de Heller, síndrome de Rett, predominante no gênero feminino) e TGD-SOE (transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação), esta quando não preenchidos os critérios para os subtipos citados anteriormente, autismo atípico.

Em 2013, a Associação Americana de Psiquiatria prevê o lançamento do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM – V, que traz, basicamente, entre outras medidas novas diretrizes sobre a Síndrome, como: Síndrome de Asperger, de Rett, Transtorno Desintegrativo da infância e o Autismo Clássico deixarão de existir e o paciente do espectro autista deverá ser avaliado por níveis de leve a grave (como exemplo a Síndrome de Asperger deverá ser classificada como uma forma leve de autismo). Acredita-se que essa classificação facilitará os clínicos a diagnosticar os sintomas e comportamentos de cada indivíduo com mais precisão (DSM-V, 2014).

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Para realizar a revisão de literatura, recorreremos ao banco de teses e dissertações da Capes, por entender que esse banco dispõe de um substancial número de produções, já que é um dos principais órgãos fomentadores de pesquisas no Brasil. Recorreremos também ao Cielo, nesse banco de dados encontramos um grande número de artigos relacionados ao autismo, sendo assim, traçamos um breve panorama acerca da produção acadêmica de pesquisas de mestrado, doutorado e artigos que tiveram como foco o sujeito com autismo na educação infantil, conforme descritos no quadro 1.

QUADRO 1 – TRABALHOS INVESTIGADOS

TEMA: Autismo e educação: a dialética na inclusão. AUTORA: Sandra Cordeiro de Melo. Trata-se de um artigo científico. ANO: 2004
--

TEMA: Práticas pedagógicas e o sujeito com autismo: um estudo de caso
--

fenomenológico no ensino comum **AUTORA:** Sulamyta da Silva Pinto. Dissertação de Mestrado em Educação **ANO:** 2013

TEMA: Comunicação entre Professores e Alunos Autistas no Contexto da Escola Regular: desafios e possibilidades. Dissertação de Mestrado em Educação **Autora:** Emília Lucas Ribeiro **ANO:** 2013

TEMA: Inclusão de alunos autistas no ensino regular: concepções e práticas pedagógicas de professores regentes **AUTORA:** Mara Rubia Rodrigues Martins. Dissertação de Mestrado em Educação **ANO:** 2007

TEMA: Crianças autistas em situação de brincadeira: apontamentos para as práticas educativas **AUTOR:** Alessandra Dilair Formagio Martins. Dissertação de Mestrado em Educação **ANO:** 2007

TEMA: Atividades escolares envolvendo alunos autistas na escola especial. **AUTORA:** Josiane Maria Bonatto Bragin Dissertação de Mestrado em Educação. **ANO:** 2011

TEMA: A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil **AUTORA:** Fernanda de Araújo Binatti Chiote. Dissertação de Mestrado em Educação **ANO:** 2011.

Fonte: Os autores

Por meio dos trabalhos encontrados e expostos no quadro 1, foi possível investigar, conhecer, pesquisas que tratam da prática pedagógica e inclusão de crianças com autismo. Com essa investigação, conseguimos reunir elementos importantes para atingir os objetivos elencados para este trabalho e assim, dialogar com a fala da professora entrevistada.

Mas, um fato muito importante identificado ao analisarmos os trabalhos, é que os estudos deixam claro que ainda existe uma carência muito grande na formação de professores com foco na educação especial para que possam entender as questões relacionadas à educação especial e suas especificidades relacionadas à deficiência dos sujeitos matriculados na escola comum.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Neste tópico, traremos a fala da professora de acordo com as perguntas selecionadas para este momento. Vale ressaltar que traremos a fala em sua íntegra para que possamos ter uma visão macro da percepção da professora quanto às perguntas elencadas.

Assim, quando questionada sobre sua percepção em relação à educação de modo geral, a professora respondeu:

De modo geral, para mim, educação, primeiro ponto, tem que vir de casa porque a gente vai colocar a educação como um todo: do ser cidadão; crianças educadas; crianças que sabem seus limites. A escola é para aprender, não é nenhum parquinho que nem eu estava falando para você lá no 4º ano. Eles agem como se tivessem em casa, sentando de qualquer maneira na sala, não tem respeito nenhum, nem pela professora que tá à frente, nem pelo colega, então, primeiro ponto da educação é ser educado realmente; é ter respeito pelo outro para depois ser educação do conhecimento, daquilo que ele vai aprender e ele não vai parar de aprender, ele vai aprender a vida inteira.

Quanto à segunda pergunta: como planeja a ação pedagógica com foco na inclusão da criança com autismo? A professora respondeu o seguinte:

Como planejamento pedagógico com foco na inclusão da criança com autismo, bom, aqui a gente tem planejamento separado que a gente dá a Laura (nome fictício da professora do atendimento educacional especializado) e a gente tenta aproveitar, é um planejamento diferente, não é nosso, é para entregar para a sala de recursos. Quando ela dá atendimento em cima daquilo que a gente dá para as crianças, aqui a gente faz um separado para eles, só que nem tudo a gente coloca ali, a gente alcança com a criança e nem sempre vamos dizer assim, aquilo que a gente trabalha o todo com a criança, porque, por exemplo, às vezes a criança não senta, que nem o aluno X que ficava passeando, não tinha aquela coisa de sentar. A escola tem professor de educação especial, que no caso é a Laura, mas a gente não tem essa coisa de ir pra Laura porque,

lá é classe, não tem nada a ver com os alunos que estão incluídos em outra sala. Como eu planejo? No meu caso educação infantil é igual pra todas não tem uma coisa separada pra ele, só tem no papel, só no papel, o que a escola faz pra garantir a inclusão do aluno, no meu caso a inclusão é mais a socialização até porque os dois que eu recebi não são verbais.

Por fim, quando questionada sobre suas concepções acerca da inclusão, a entrevistada assim se pronunciou:

Inclusão, ai meu Deus, pode ser sincera? Se eu fosse falar, eu vou falar a verdade, porque a inclusão pra mim só tá no papel, só tá na teoria, a prática é diferente porque quando a gente não tem um apoio na sala de aula, a gente acaba deixando um pouco de lado os alunos que são incluídos e vamos dizer assim, a aprendizagem fica ruim porque como é que a gente vai dar conta de, vamos supor, uma turma regular de 30 alunos na sala de aula mais o aluno que está incluído “sozinha? Entendeu? e tendo, vamos supor que seja uma turma de alfabetização: como é que a gente dá conta de 30, pra chegar no final do ano lendo e escrevendo e ter condições de dar atendimento pro aluno incluído? Porque também não dá pra ficar parando toda hora [...]

ANALISANDO A FALA DA PROFESSORA À LUZ DAS CONCEPÇÕES VIGOTSKIANAS

Sobre a fala da professora entrevistada trazida no tópico anterior, em relação à educação de modo geral, foi possível perceber que ela valoriza e acredita que a educação vem de casa. Que a escola passa os ensinamentos referentes aos conteúdos escolares, e esses ensinamentos são importantes para que o aluno alcance outros objetivos, ou seja, que é através da educação escolar que é possível adquirir conhecimentos sólidos, necessários para sua constituição enquanto ser humano e que possa contribuir para o crescimento da sociedade no qual é pertencente.

Pois, de acordo com Góes (2002, p. 110),

[...] Tal aluno não pode contar apenas com oportunidades iguais [...]. Deve ter direitos iguais para formar-se como pessoa e participante de diferentes esferas sociais e, nesse sentido, receber condições diferenciadas de desenvolvimento e educação, para uma existência ou vivência cultural digna.

Quanto à segunda questão, no que tange ao planejamento das ações para a criança com autismo na educação infantil, percebe-se que existe uma falha muito significativa ao entendimento sobre a importância do planejamento, pois, independentemente do foco da educação infantil, que não é, por exemplo, a alfabetização das crianças, é necessário pensar ações diferenciadas para os sujeitos, público-alvo da educação, neste caso, para a criança com autismo. Sobre isso, Vigotski (2001, p. 168) salienta que,

É necessário organizar a aula de modo tão pedagógico, desmembrar de tal forma o material que sobre os momentos de ascensão da força de atenção recaiam as passagens mais importantes e de choque e aos momentos de redução da onda da atenção coincidam as partes da exposição que são menos importantes e não antecipam o processo.

Destarte, sobre a terceira pergunta elencada para este momento, a fala da professora sobre inclusão muito nos preocupa, é um pensamento totalmente excludente, equivocado sobre a perspectiva que envolve a educação especial e inclusiva dos alunos público-alvo da educação especial. Sobre isso, Vigotski (2001, p. 168) esclarece que,

Para assegurar o êxito do ensino e da aprendizagem, o mestre deve assegurar não só todas as condições do desenvolvimento correto das reações, mas, o que mais importante, uma atitude correta. [...] Em função disso o mestre deve sempre levar em conta se o material que ele oferece corresponde às leis básicas da atividade da atenção.

A fala destacada deixa transparecer que a professora enxerga o aluno com deficiência como sendo mais um aluno e não um aluno igual aos outros, ou seja, ela tem 29 alunos + 1 e não 30 alunos. E isso vai à contramão de todos os direitos adquiridos pelas pessoas, público-alvo da educação especial; vai contra tudo aquilo que estamos lutando para garantir, ou seja, que essas pessoas estejam na escola comum, aprendendo e se desenvolvendo com os demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da fala da professora e análise desses dados, ressaltamos aqui a importância da formação continuada dos profissionais da educação para que possam garantir uma educação de qualidade aos sujeitos público-alvo da educação especial em processo de escolarização e principalmente de inclusão. Sendo assim, concordamos com Drago (2011, p. 89) quando nos diz que,

A literatura atual mostra que é possível que se tenha a plena inclusão de pessoas com deficiência no contexto educacional em qualquer nível, desde que se tenha como prerrogativa essencial a busca constante da qualificação profissional, pessoal, afetiva, intelectual e social de todos os envolvidos nesse processo, ou seja, pais, professores, escola, comunidade, sociedade civil organizada, Poder Público, dentre outros.

Quanto à pesquisa exploratória, os estudos em questão deixam claro que é necessário que se busque informações sobre esses sujeitos através de leituras, formações continuadas, dentre outros, pois de acordo com Nóvoa, (1992, p. 26),

A formação contínua pode desempenhar um papel importante na configuração de uma “nova” profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas.

Em suma, o que precisamos hoje, para que a educação de qualidade seja garantida para esses sujeitos, com público-alvo da educação especial, é um olhar atento e diferenciado no que se refere ao seu aprendizado e desenvolvimento, para que assim, os procedimentos de ensino possam ser conduzidos de modo que o profissional da educação, dentro da escola, possa ouvir e conhecer seus protagonistas no sentido de que nenhum desses sujeitos tenham seu direito à educação negado ou mesmo negligenciado por ser diferente e/ou deficiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

CHIOTE, F. de A. B. **A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). 2011. Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

DRAGO, R. **Inclusão na educação Infantil.** Rio de Janeiro: Wak Editoria, 2011.

DSM-V. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Disponível em www.mec.gov.br. Acesso em 11 de maio de 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GÓES, M. C. R. de. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: OLIVEIRA, M. K. et al. **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea.** São Paulo: Moderna, 2002.

KANNER, L. Autistic Disturbances of Affective Contact. **Nervous Child**, n. 2. 1943.

MARTINS, L. M. O ensino e o desenvolvimento da criança de zero a três anos. In: ARCE, A.; MARTINS, L. M. (Org.). **Ensinando aos pequenos de zero a três anos.** Campinas: Alínea, 2009.

MARTINS, M. R. R. **Inclusão de alunos autistas no ensino regular:** concepções e práticas pedagógicas de professores regentes. Mestrado (Mestrado em Educação). 2007. Universidade Católica de Brasília, 2007.

MELLO, S. A. Contribuições de Vigotski para a educação infantil. In: MENDONÇA, S. G. de L.; MILLER, S. (Org.). **Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas.** Araraquara: Junqueira & amp; Marin, 2006.

NÓVOA, A. Formação de professores e formação docente. In: NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PINTO, S. da S. **Práticas pedagógicas e o sujeito com autismo:** um estudo de caso fenomenológico no ensino comum. 2013. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

RIBEIRO, E. L. **A Comunicação entre Professores e Alunos Autistas no Contexto da Escola Regular:** desafios e possibilidades. 2013. Mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, 2013.

Vigotski, L. S. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOBRE O AUTOR (A):

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialista em Educação Especial Inclusiva pelo Centro de Ensino Superior de Vitória (CESV). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Grande Rio José de Souza Herdy (UNIGRANRIO). Professora regente do 4º ano do ensino fundamental I no município de Serra. Membro efetivo do GEPEI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Inclusão. Tem interesse em áreas que tratem da educação especial em uma perspectiva inclusiva de alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento na escola comum e questões correlatas.

Pós-doutorando em Educação pelo PPGE/CE/UFES. Doutor e Mestre em Educação pelo PPGE/CE/UFES, na linha de Pesquisa de Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas. Especialista em Educação Especial e Inclusiva FACI/ES. Graduado em Pedagogia pela Faculdade São Geraldo - FSG/ES. Professor do Atendimento Educacional Especializado do município de Viana/ES e Técnico em Educação Especial na Secretaria Municipal de Educação Viana-ES. Membro efetivo do GEPEI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Inclusão. Tem interesse em áreas que tratem da Educação Especial numa perspectiva inclusiva de alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento na escola comum e questões correlatas.

Mestre em Educação pelo PPGE/CE/UFES. Especialista em Estudos da Linguagem pela FACULDADE SABERES/ES. Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela FACULDADE FAVASC/ES. Graduado em Letras Português/Inglês pela FACULDADE SABERES/ ES. Graduado em Pedagogia pela UNIUBE/MG. Professor do Atendimento Educacional Especializado - AEE no município de Vila Velha. Professor de Língua Inglesa no Estado do Espírito Santo - ES. Membro efetivo do GEPEI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Inclusão. Tem interesse em áreas que tratem da Educação Especial em uma perspectiva inclusiva de alunos com deficiências e Transtornos Globais do Desenvolvimento na escola comum.